


HERANÇA DO SENHOR NO MATRIMÔNIO. UM ESTUDO BÍBLICO SISTEMÁTICO SOBRE FILHOS

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.28911250703>

Data de aceite: 24/04/2025

**Victória Zilda Renée D' Soares Gomes
Sobral Cortes**

Bacharel em Direito. Especialista em
Docência em Filosofia e Teologia

RESUMO: O artigo analisa, à luz das Escrituras, a concepção de filhos como herança divina, contrapondo a visão bíblica com tendências contemporâneas antinatalistas, que destoam do ensinamento tradicional cristão. O estudo tem por finalidade demonstrar a imutabilidade do conceito bíblico sobre a procriação no contexto matrimonial e alertar para os desvios contemporâneos que minimizam ou rejeitam essa vocação. A pesquisa adota metodologia bibliográfica com base na exegese das Escrituras e em obras teológicas reformadas. O presente estudo também identifica a mentalidade contraceptiva moderna como resultado da infiltração do pensamento feminista na Igreja Reformada, a partir do século XX. Bem como alerta para os efeitos abortivos ocultos de pílulas anticoncepcionais e dispositivos intrauterinos. Assim, conclui-se, portanto, que os casais cristãos devem refletir sobre a fecundidade como parte de sua vocação no plano divino.

PALAVRAS-CHAVE: Fecundidade;
Matrimônio; Mentalidade contraceptiva;
Teologia Reformada.

THE LORD'S INHERITANCE IN MARRIAGE. A SYSTEMATIC BIBLE STUDY ON CHILDREN

ABSTRACT: The article analyzes, in light of Scripture, the concept of children as a divine inheritance, contrasting the biblical perspective with contemporary antinatalist trends that diverge from traditional Christian teaching. The purpose of the study is to demonstrate the immutability of the biblical concept of procreation within the context of marriage and to warn against modern deviations that minimize or reject this vocation. The research adopts a bibliographic methodology based on the exegesis of Scripture and Reformed theological works. This study also identifies the modern contraceptive mindset as a result of the infiltration of feminist thought into the Reformed Church since the 20th century. Furthermore, it warns about the hidden abortive effects of contraceptive pills and intrauterine devices. Thus, it concludes that Christian couples should reflect on fertility as part of their vocation within God's divine plan.

KEYWORDS: Fertility; Marriage;
Contraceptive mentality; Reformed
Theology.

INTRODUÇÃO

Há em toda a Bíblia mais de 40 menções à palavra *filhos* cujos versículos refletem os desdobramentos do conceito bíblico da descendência como “herança”. Dessa maneira, a narrativa bíblica expõe, em sua completude, uma notável relação entre os filhos e a benção divina – sendo notável uma forte recomendação para a fecundidade.

Complementarmente, as Sagradas Escrituras mencionam em abundância a fecundidade como algo demasiadamente almejado pelas mulheres do povo de Deus, bem como o amor aos filhos é muitas vezes considerado, dentre outros mais, um ato de prudência (Tito 2:4 e 5).

Por outro lado, em toda a Bíblia a infertilidade não é vista como desejosa (Os 9:10-17, Êx 23: 25-26), os relatos de casais bíblicos que não possuíam filhos são sempre atrelados à infertilidade (incapacidade de gerar filhos) e não a uma decisão voluntária de não os ter.

Em verdade, há na Bíblia um caso de um homem que se negou a dar descendência à sua mulher, e toda vez que tinha relações com sua esposa “deixava o sêmen cair na terra”. A narrativa Bíblica demonstra que “isso, porém, que fazia, era mau perante o Senhor, pelo que também a este fez morrer” (Gênesis 38:10).

Neste ponto, há uma divergência de opiniões, pois, há quem diga que a morte de Onã se deu, tão somente, pela sua intenção de negar descendência a seu irmão. Isso porque, segundo a lei comum à época, qual seja, o levirato, a morte de seu irmão, e a inexistência de herdeiro por parte do finado, ensejaria a Onã o dever de tomar a sua cunhada e, por conseguinte, o primeiro filho que gerassem daria continuidade a descendência do irmão falecido.

Todavia, há quem argumente que o que ensejou a morte de Onã foi o ato que praticou – de deixar o sêmen cair – e não a sua intenção com o ato (“o que *fazia* era mau”). Nessa perspectiva, os que defendem essa linha argumentam que a morte por descumprimento do levirato não segue o padrão previsto, visto que a Bíblia traz, em Deuteronômio 25, em seus versículos 5 a 10, uma pena completamente diversa para a desobediência do levirato (a humilhação pública).

Fato é que a par dessas duas linhas interpretativas, segue-se o mesmo plano de fundo: a maledicência do homem em abster-se da descendência por motivações triviais e fúteis.

É bem verdade que as Escrituras não fornecem uma prescrição sobre a quantidade de filhos que um casal deve ter, contudo, há uma vasta explanação sobre a alegria vivida pelos casais ao receber estes filhos enviados – sendo totalmente estranho ao exemplo bíblico a repulsa e propaganda difamatória que hodiernamente circundam às pautas da maternidade, paternidade e fecundidade.

Logo, é indiscutível que a quantidade de filhos não é termômetro de obediência e amor a Deus; no entanto, a escolha de não gerar descendência, vivendo a sexualidade matrimonial sem que nunca seja lograda também a sua função procriativa, tendo por motivações interesses meramente egoístas (como o trabalho que os filhos dão, as dificuldades de criar e educar uma criança, as ambições financeiras e profissionais), não demonstram uma exaltação à obra de Deus – que nos deixou herança por meio dos filhos (Salmos 127:3).

Por conseguinte, conforme também será demonstrado neste artigo, a latência da contracepção é recente, tendo por base o contexto geral da história da Igreja, visto que somente em 1930 os Anglicanos autorizaram o uso de contraceptivos artificiais no matrimônio, e, como desdobramento e ampliação dessa permissão, o meio Protestante foi, pouco a pouco, absorvendo essa mentalidade contraceptiva.

Por fim, também será demonstrado que estudos científicos já denunciaram que os anticoncepcionais modernos, como pílulas e DIU's, são potencialmente abortivos – devido ao impedimento da nidação. Restando, portanto, a exortação às mulheres cristãs como alerta para os riscos morais e espirituais do uso indiscriminado de contraceptivos, haja vista ser a maternidade uma vocação divina.

METODOLOGIA

A metodologia trata da condução do projeto, abrangendo o estudo dos métodos e os meios disponíveis para chegar a um resultado, com a finalidade de captar e abordar o assunto de forma satisfatória.

É importante que o desenvolvimento de uma pesquisa seja consistente para que possa mostrar, de forma pertinente e idônea, aquilo que se pretende atingir. A temática da pesquisa foi norteada por um processo de investigação situado na metodologia de pesquisa bibliográfica. No presente trabalho de pesquisa, busca-se demonstrar a imutabilidade de conceitos bíblicos pertinentes à concepção de filhos no matrimônio. O artigo foi elaborado a partir de leituras, resumos e aprofundamento bibliográfico em obras teológicas, conforme está na referência bibliográfica, e, majoritariamente alicerçado no Cânon.

O ENTENDIMENTO BÍBLICO DO MATRIMÔNIO

Podemos identificar nos textos bíblicos três pilares que sustentam o matrimônio, quais sejam: o auxílio mútuo, a procriação e a pureza.

Em Gênesis 2.18 o Senhor declara que ao homem não é oportuno que fique só, para tanto, o Santo Deus cria uma auxiliadora idônea – este é o primeiro pilar, o auxílio mútuo.

É válido dizer que esse auxílio mútuo implica entrega integral de um cônjuge para o outro, para que um complemente o outro, e, assim, um alivie a carga do outro nesta caminhada até o céu. Esse papel de auxílio é tão importante quanto necessário para o crescimento espiritual do casal, visto que agora são considerados uma só carne pelo Pai (Gn 2.24).

Assim, ao criar o casamento, o Senhor fez surgir uma aliança vitalícia entre o homem e a mulher para que estes sejam colaboradores da sua Obra. Para tanto, é necessário que os cônjuges galguem o caminho da santidade para que um seja santificado no convívio do outro. Nessa perspectiva, a Palavra adverte sobre os perigos da união de crentes com incrédulos (jugo desigual), visto que não é possível que haja sociedade entre justiça e iniquidade (2Co 6.14).

Tão especial é esta união que Paulo a associa ao relacionamento de Cristo com a Igreja (Ef 5,21-33).

Nesse contexto, a resolução de uma união integral entre o homem e a mulher faz surgir o segundo pilar do matrimônio, a procriação. É sábio por todos os casais que desfrutaram de uma relação sexual que a consequência natural de uma conjunção carnal é, em muitos casos, a concepção de filhos.

Não seria razoável afirmar que o Senhor fez surgir o casamento apenas para procriação, conquanto seria insensato presumir que a desassociação plena do ato procriativo é algo puramente natural e desejável aos casais. Isso porque, a procriação compreende dois importantes papéis no Plano Divino: propagação da raça humana e crescimento da Igreja.

Veja que tanto a Adão e Eva quanto a Noé e a seus filhos foi dada a seguinte recomendação “sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a terra” (Gn 1.28 e Gn 9.1).

Não é incomum presenciarmos argumentos modernos que questionam a recomendação bíblica pela fecundidade, não é raro que tal exortação seja rotulada como algo obsoleto. Oras, em caso de se considerar como defasada a responsabilidade do casal em gerar filhos, também seria o caso de se deduzir como ultrapassada a participação dos esposos na obra criativa de fazer surgir e se perpetuar o povo de Deus na Terra.

E então, surge o legítimo questionamento: em qual momento tal concepção foi encorajada ao povo de Deus? Há no Cânon alguma passagem que revogue a importância ou necessidade desse aspecto abarcado pelo matrimônio?

Contrariamente se posiciona as Sagradas Escrituras, visto que não é omitido que da união do homem e da mulher há a busca pela descendência prometida, e, portanto, consagrada e dedicada a Deus (Mt 2.15). Afinal, não é pouco perceptível que apesar da vastidão de pessoas que habitam o mundo, nem todos gozam da posição de adotados como Filhos de Deus.

Outrossim, é também muito evidente o terceiro sustentáculo do matrimônio – sendo este o combate da impureza (1Co 7.2,9). É claramente compreendido o desejo do Senhor de que os cônjuges mantenham seu leito sem mácula (Hb 13:14), e isto requer um comportamento diametralmente oposto àqueles que vivem segundo as filosofias, desejos e imoralidades do mundo.

Logo, quando casais cristãos permitem que seus leitos sejam contaminados por práticas contrárias à pureza sexual há, nesses casos, uma afronta ao próprio Santo Espírito. Afinal, quem peca sexualmente está pecando contra o próprio corpo, sendo este último o santuário do Espírito dado por Deus (1Co 6:18-20).

Dessa maneira, não é dificultoso presumir que quando estes pilares estão sendo constantemente minados no matrimônio – fazendo prevalecer um à custa do outro, sendo extirpado um e displicentemente sendo exercitado o outro – há um completo desequilíbrio no laço matrimonial.

Assim, aqueles que buscam o prazer desenfreado, abusando dos deleites advindos da entrega mútua, são acometidos, muitas vezes, por anseios imorais (e a lascívia e promiscuidade dominam o leito). Por sua vez, aqueles que abominam a potencialidade natural da procriação e insensatamente se debruçam em buscar meios para evitá-la, a qualquer custo, não raramente adotam uma mentalidade antinatalista que nunca fora uma realidade bíblica.

Para tanto, ao revés de seguir por tantos caminhos que levariam à perversão da Boa, Perfeita e Agradável Vontade de Deus, um só deve ser o objetivo do matrimônio: a santificação, o manejo do corpo de maneira honrosa, a aversão às paixões descontroladas e o afastamento de práticas pagãs (1Ts 4:3-5).

O ENTENDIMENTO REFORMADO SOBRE O MATRIMÔNIO E A PROCRIAÇÃO

Durante a Idade Média era comum verificar um pensamento equivocado quanto ao sexo no matrimônio, alguns dos mais influentes teólogos da Igreja Primitiva partilhavam de certas objeções, pouco bíblicas, quanto a natureza da relação sexual entre marido e mulher.

Vejam um trecho extraído do livro “Santos no Mundo: os Puritanos como realmente eram” de Leland Ryken:

“**Tertuliano** e **Ambrósio**, em geral, preferiam preservar a pureza ética da humanidade em vez de promover sua propagação através do intercuro sexual. O influente **Agostinho de Hipona** considerava o ato sexual dentro do matrimônio como inocente, mas via a paixão como pecaminosa, elogiando os cônjuges que se abstinham do sexo. **Gregório**, o Grande, concordava, afirmando que quando marido e mulher se envolviam sexualmente por prazer e não pela procriação, esse prazer maculava o ato. Figuras proeminentes da Idade Média, como **Alberto Magno** e **Tomás de Aquino**, se opunham ao ato sexual, acreditando que ele submetia a razão às paixões. **Orígenes** interpretou literalmente o comentário de Jesus no Evangelho de Mateus (19:12) e se castrou.” (RYKEN, Leland, p.54)

Nesse viés, a Reforma Protestante resgatou a concepção bíblica de que as relações sexuais entre cônjuges também cumprem a função de deleite e que o prazer é tão natural ao ato matrimonial quanto qualquer outro de seus atributos – sendo desejável que o casal se empenhe em buscá-lo, um em favor do outro.

Não é outra a ideia bíblica sobre o sexo, vejamos alguns versículos:

“Alegre-se com a esposa da sua juventude. Gazela amorosa, corça graciosa; que os seios de sua esposa sempre **o fartem de prazer**, e sempre o embriaguem os carinhos dela.”

(Provérbios 5:15-19)

“Os seus dois seios são como filhotes de corça, como filhotes gêmeos de uma gazela. O seu pescoço é como uma torre de marfim. Os seus olhos são como os açudes de Hesbom, à porta de Bate-Rabim. O seu nariz é como a torre do Líbano voltada para Damasco.”

(Cânticos dos Cânticos)

“O seu porte é como o da palmeira; os seus seios, como cachos de frutos. Eu disse: “Subirei a palmeira e me apossarei dos seus frutos”. Sejam os seus seios como os cachos da videira, o aroma da sua respiração como maçãs.”

(Cânticos dos Cânticos)

Nessa perspectiva, a afirmação puritana sobre o casamento era marcada pelo reconhecimento da legitimidade da sexualidade dentro do matrimônio. Parafraseando o puritano William Ames, a mútua comunhão de corpos é um dos deveres do casamento.

De acordo com a obra supramencionada, de Leland Ryken, é acertado considerar que os puritanos foram responsáveis por resgatar a visão bíblica do matrimônio e do sexo. Todavia, seria um grave equívoco considerar que estes mesmos puritanos desassociaram a finalidade procriativa como um dos papéis matrimoniais.

É bem verdade que o pensamento puritano trouxe maior enfoque e relevância para o dever de auxílio mútuo, ao qual o casamento faz jus. Isso porque, era necessário demonstrar a relevância do companheirismo conjugal como contraponto à concepção medieval de que o sexo no matrimônio somente era sem pecado quando efetivado para procriação.

Crisóstomo, Orígenes e o Bispo Gregório, de Nyssa, católicos medievais, aventavam, cada um a sua maneira, que a necessidade da relação sexual se deu após a Queda – como se fruto do pecado fosse – conforme argumenta Ryken.

Assim sendo, é compreensível o destaque puritano para a união sexual para o deleite. Por outro lado, os registros puritanos não demonstram qualquer desassociação do pilar da procriação como atributo do matrimônio.

Ao revés, o puritano Richard Baxter escreveu, em sua obra *A Christian Directory*, “Não é pouca graça ser pais de uma semente santa: e este é o propósito da instituição do casamento.”

Em verdade, essa concepção foi herdada das primícias dos posicionamentos reformados. O reformador Martinho Lutero, em seu Sermão sobre a vida conjugal, segundo Leland Ryken elucida, descreveu como: “a melhor coisa na vida conjugal, pelo que tudo deve se sofrer e fazer, é o fato de que Deus dá filhos e nos ordena a criá-los para servi-Lo. Fazer isto é o mais nobre e mais precioso trabalho na terra, porque nada pode ser feito que agrade mais a Deus do que salvar almas.”

De forma análoga, o reformador João Calvino menciona, em seu comentário a 1Coríntios 7.2, que a cura da incontinência não é a única razão para se contrair matrimônio. Calvino argumenta:

“O que importa é o seguinte: o que está em jogo aqui não são as razões pelas quais o matrimônio foi instituído, e, sim, as pessoas para quem ele é indispensável. Porque, **se atentarmos para o primeiro matrimônio, perceberemos que ele não podia ser um antídoto contra uma doença, a qual ainda não existia, senão que foi instituído para a procriação de filhos.** É verdade que, depois da Queda, este outro propósito foi acrescido.”
(Comentário à Sagrada Escritura: Exposição de 1Coríntios. São Paulo: Paracletos, 1996. p. 197.)

Nessa perspectiva, fica claro que a procriação é o terceiro propósito do casamento na visão de Calvino. Logo, é perceptível que as origens do pensamento reformado foram fiéis à imutabilidade dos conceitos bíblicos quanto a concepção de filhos e seus desdobramentos.

O MOVIMENTO FEMINISTA E A INFILTRAÇÃO DA MENTALIDADE CONTRACEPTIVA NA IGREJA

Conforme já explicitado, o padrão bíblico para o matrimônio está na alegria em ser abençoado com filhos. No livro de Deuteronômio, capítulo 7, versículo 14, a fertilidade é vista como uma benção decorrente da obediência ao Senhor. Igualmente pensavam os reformadores, que interpretavam a procriação como um cumprimento natural de uma das funções do matrimônio.

Logo, entendendo que a cosmovisão cristã genuína adota uma posição favorável à fecundidade é de se concluir que em algum momento houve um grave desvio do reto caminho, e, que, por tanto, há uma explicação plausível para o fato de que é cada vez mais comum o incentivo à mentalidade contraceptiva por parte de líderes religiosos e de mulheres cristãs – umas as outras –, sendo quase imperceptível a diferença do discurso do mundo, e de alguns cristãos equivocados, quanto ao tema da concepção de filhos no matrimônio.

Toda elucubração ganha contornos mais nítidos quando entendemos que o século XX trouxe uma perniciosa “herança” à Igreja – o feminismo.

É imprescindível frisar que até 1930 as igrejas reformadas mantinham a tradicional postura histórica contrária à contracepção. No entanto, esse panorama começou a mudar a partir do momento em que a Igreja Anglicana, conforme pode se verificar no texto da Resolução 15 da Declaração da Conferência de Lambeth, autorizou o uso de contraceptivos artificiais dentro do matrimônio por razões de gravidade.

Vejamos um trecho da Resolução acima supracitada, retirado de um artigo publicado na Revista de Cultura Teológica - v. 16 - n. 62 - jan/mar 2008:

“Quando se constata claramente a obrigação moral de limitar ou evitar a paternidade, o método a seguir deve ser decidido segundo os princípios cristãos. O método natural que primeiro se apresenta é a abstinência completa das relações em uma vida disciplinada e dona de si, levada graças à virtude do Espírito Santo. Contudo, no caso em que se constata claramente que essa obrigação moral de limitar ou evitar a paternidade, e que uma razão moralmente sadia se opõe a uma completa continência, a Conferência admite que outros métodos possam ser empregados, contanto que isso se faça à luz dos mesmos princípios cristãos. **A Conferência lembra a sua enérgica condenação de todo método anticoncepcional adotado por motivos de egoísmo, de volúpia ou de pura conveniência.**” (grifo meu)

É perceptível que ainda que estivesse sendo aceito o uso de contraceptivos artificiais dentro do matrimônio, em caso de subsistir alguma razão moral de limitar ou evitar a concepção, a utilização de anticoncepcionais por puro egoísmo, conveniência ou volúpia era condenada.

De forma reversa, muitos casais cristãos têm se esquivado dessa missão (1Tm 2.15) para que sejam poupados dos trabalhos que a concepção de filhos traz e para que possam continuar a viver confortáveis em suas ambições profissionais e financeiras.

Todo o cenário fica ainda mais periclitante quando se evidencia as infiltrações do pensamento feminista no meio religioso. Não à toa a Igreja Anglicana foi a primeira a traçar a mudança na posição, anteriormente contrária, sobre a contracepção. Esse pensamento foi forjado pouco a pouco, mas, ao ganhar notoriedade, rapidamente se espalhou no meio reformado.

Nessa perspectiva, cita-se o religioso anglicano William Ralph Inge (1860-1954), que defendia o controle de natalidade como ferramenta moral, política e social. Inge era amigo da feminista Margaret Sanger, notória liberal e eugenista (membro influente da *Eugenics Society* inglesa). Margaret Sanger cita William Ralph Inge em seu livro *"The Pivot of Civilization"* (1922) no capítulo 9:

"Objetar a essas ideias tradicionais e eclesiásticas não implica de forma alguma que a doutrina do Controle de Natalidade seja anticristã. Pelo contrário, pode estar profundamente de acordo com o Sermão da Montanha. Um dos maiores teólogos vivos e mais penetrantes estudantes dos problemas da civilização é dessa opinião. Em um discurso proferido perante a Eugenics Education Society de Londres, William Ralph Inge, o Reverendíssimo Reitor da Catedral de St. Paul, Londres, apontou que a doutrina do Controle de Natalidade deveria ser interpretada como a própria essência do Cristianismo.

Não é com a religião política que estou preocupado', explicou o reitor Inge, 'mas com as convicções de pessoas realmente religiosas; e não acho que precisamos perder a esperança de convertê-las às nossas opiniões'.

Dean Inge acredita que o controle de natalidade é uma parte essencial da eugenia e uma parte essencial da moralidade cristã. Sobre esse ponto, ele afirma:

'Queremos lembrar nossos amigos ortodoxos e conservadores de que o Sermão da Montanha contém alguns preceitos eugênicos admiravelmente claros e inconfundíveis. 'Colhe-se uvas dos espinhos ou figos dos abrolhos? Uma árvore má não pode dar bons frutos, nem uma árvore boa pode dar maus frutos. Toda árvore que não dá bons frutos é cortada e lançada no fogo.' Desejamos aplicar essas palavras não apenas às ações dos indivíduos, que brotam de seus caracteres, mas ao caráter dos indivíduos, que brotam de suas qualidades herdadas. Essa extensão do escopo da máxima me parece bastante legítima. Os homens não colhem uvas de espinhos. Como diz nosso provérbio, você não pode fazer uma bolsa de seda com orelha de porco. Se acreditarmos nisso e não agirmos de acordo, tentando mover a opinião pública para dar à reforma social, à educação e à religião um material melhor para trabalhar, estamos pecando contra a luz e não fazendo o nosso melhor para trazer o Reino de Deus à Terra.'" (SANGER, Margaret. Capítulo IX) (grifo meu)

É alarmante para qualquer cristão que preze pela preservação do Evangelho, e que possui um coração temente aos ensinamentos bíblicos, que a origem da mentalidade contraceptiva na Igreja, e seus desdobramentos no cenário atual, advenha de uma semente tão herética.

A aversão à religião é um dos traços marcantes do feminismo, não há como conciliar a filosofia cristã à filosofia feminista. A própria Margaret Sanger declara, ainda em seu livro *The Pivot of Civilization*:

“O instinto sexual na raça humana é forte demais para ser limitado pelos ditames de qualquer igreja. O fracasso da igreja, seu fracasso século após século, é agora evidente em todos os lados. [...]”

A oposição eclesiástica ao controle de natalidade por parte de certos representantes das igrejas protestantes, baseada geralmente em citações da Bíblia, é igualmente inválida. (SANGER, Margaret. Capítulo IX) (grifo meu)

No entanto, apesar de sua hostilidade à religião, Sanger explicitamente tenta, de forma bem-sucedida, impregnar a sua filosofia no meio cristão. Vejamos o que a feminista eugenista diz em seu livro *“Woman, Morality, and Birth Control”*:

“Devemos contratar três ou quatro ministros de cor, de preferência com histórico de serviço social, e com personalidades cativantes. A abordagem educacional mais bem-sucedida para o negro é através de um apelo religioso. Nós não queremos que vazze o discurso que intentamos exterminar a população negra. E um ministro é o homem que pode corrigir essa ideia caso ela ocorra a qualquer um de seus membros mais rebeldes.” (SANGER, Margaret. p.12)

Além dos reprováveis traços eugenistas e feministas, marcantes nas produções literárias de Sanger, há também a sua aborrecida racista – ao utilizar a contracepção como ferramenta de controle:

“O problema mais urgente hoje é como limitar e desencorajar o excesso de fertilidade daquele que é mental e fisicamente deficiente” (SANGER, Margaret. Revista Birth Control Review, 1921, p.5)

Certamente não é prudente imaginar que as origens da transformação do posicionamento reformado, quanto à concepção, ocorreram de forma exegética e bíblica, ao revés, é constatado uma pavorosa conduta permissiva para com os ideais feministas e, portanto, anticristãos.

UM ESTUDO SISTEMÁTICO SOBRE FILHOS

A palavra *filhos* é referenciada 4.297 vezes na Bíblia, dentre as menções de genealogias e outras utilizações da palavra, há mais de 40 versículos que transmitem a mensagem de filhos como herança e/ou o desdobramento dela.

Portanto, o Senhor não deixou obscuro qual seria o posicionamento desejável, pelo seu povo, quanto ao recebimento de filhos que Ele dá. Graças ao legado da Santa Palavra podemos afirmar que os filhos dos filhos são a coroa dos velhos (Pv 17:6), que temos como bom exemplo o ato de louvar ao Senhor ao ser concebido um filho (Gn 29:35), que a fecundidade, comumente, estava entre os maiores anseios das esposas (Gn 30:1), que é o Senhor quem dá cada filho e isso não é fruto da nossa vontade ou permissão (Gn 4:25, Gn 16:11, Gn 17:16,17 e 19, Gn 18:10 e 14, Gn 29:32, Gn 29:33, Gn 30:20 e 24, Jz 13:3 e 7, 1Sm 1:20, 1Rs 5:7, 2Rs 4:16, 1Cr 28:5, Sl 113:9, Lc 1:13, Lc 1:36, Lc 3:8, Rm 9:9).

É importante frisar que todo discurso que ignora a verdade de que filhos são heranças, (Sl 127:3 e 128:3) produz veredas que, não raramente, desembocam em caminhos ainda mais tortuosos que a contracepção por motivos fúteis e egoístas, a exemplo do aborto.

Afinal, caso os filhos fossem vistos com benevolência, tal como era a concepção de outrora, menos bebês morreriam ainda no ventre. O legado testamentário atribui como motivo de derrota a perda de filhos, não foi outra a alusão feita em Isaías 47:8, no contexto de repreensão à Babilônia que estava pecaminosamente imersa em seus próprios prazeres e alimentava a ilusão de estar acima de qualquer queda. Veja o texto:

“Agora, pois, ouve isto, tu que és dada a delícias, que habitas tão segura, que dizes no teu coração: Eu sou, e fora de mim não há outra; não ficarei viúva, **nem conhecerei a perda de filhos.**”

É fato que este texto deve ser interpretado de acordo com o contexto bíblico, qual seja a profecia sobre a queda da Babilônia. Todavia, facilmente é visualizado a mesma ilusão em mulheres cristãs que utilizam de métodos anticoncepcionais abortivos – tal como DIU’s e pílulas anticoncepcionais que impedem a nidação – para que continuem usufruindo dos prazeres do sexo sem a responsabilidade de gerar descendência.

O nascimento de filhos, segundo o parâmetro bíblico, é anunciado como notícia de alegria mesmo em meio ao caos. É isto que aparenta 1 Samuel 4:20, quando a nora do profeta Elias estava grávida e sucedeu que sentiu as dores do parto e deu à luz a um filho. O contexto era trágico, pois, Elias havia morrido, ela havia perdido seu marido Fineias, a arca de Deus havia sido tomada e ela estava à beira da morte, mas ao nascer o menino as mulheres que estavam com ela disseram: “Não temas, pois tiveste um filho.”

E, novamente, deve ser respeitado o contexto de cada texto, entretanto, é visível, por toda a Bíblia, e, portanto, de forma sistemática, que os filhos são almejados no matrimônio e que a concepção destes é recebida em ação de graças (Gn 33:5).

Nessa perspectiva, é seguro inferir que a exortação bíblica para os casais envolve a fertilidade e a condução da descendência gerada para os caminhos do Senhor (Gn 6:1, Dt 7:4, Jr 29:6, 1Tm 5: 4,10 e 14).

Assim, é inegável que a maternidade é uma missão bíblicamente instituída para a mulher (1Tm 2:15 e Tito 2:4) e que o homem que possui filhos fiéis está em direção ao caminho que, juntamente com outras exigências, o capacita para cargo eclesiástico – e que grande honra há nisso (Tito 1:6).

Por outro lado, a ausência de uma prole é muitas vezes retratada como castigo para o povo de Deus (Oséias 9:11 e 12).

É fato que muitos temem a chegada de filhos, principalmente quando buscam no mundo o conforto e a segurança. Assim, tomam como parâmetro as inseguranças de um mundo caído, esquecendo-se que servimos Aquele que venceu este mundo. Dessa forma, escolhem a esterelidade e, em muitos casos, não há misericórdia para com os filhos que fecundam.

No entanto, a Verdade é apenas uma: ainda que a mulher se esqueça do filho do seu ventre, o Senhor jamais se esquecerá de seu povo (Is 49:15).

É sabido que o Senhor deixou uma herança ao matrimônio: os filhos. Não é surpreendente que Ele também tenha deixado, para o mundo, a Maior Herança de todos os tempos: Cristo Jesus no ventre de uma mulher fiel (Is 7:14).

ALERTA ÀS MULHERES CRISTÃS. MÉTODOS ANTICONCEPCIONAIS E ABORTOS OCULTOS.

Não raro, uma das primeiras perguntas às mulheres, ao se sentarem em frente a uma médica ginecologista, é sobre qual método contraceptivo elas querem optar.

Há uma variedade de métodos, dentre eles estão os que impedem a fecundação, tais como preservativos, diafragma, espermicidas etc; e aqueles que, caso não consigam interceptar a fecundação, não permitem que o bebê viva devido a incapacidade de implantação na parede uterina, são eles o DIU e as pílulas anticoncepcionais.

O livro “Abortos Ocultos e a mentalidade contraceptiva”, dos autores Ana Derosa, Marlon Derosa e Luan Golçalves, traz o seguinte trecho sobre o mecanismo de ação do Dispositivo intra uterino (DIU):

“Ele gera uma reação inflamatória esperada, fazendo com que **o ambiente intrauterino torne-se hostil** aos espermatozoides, bem como **a um embrião que porventura venha a ser concebido.**” (DEROSA, DEROSA, GONÇALVES; 2020, p.96) (grifo meu)

Sabe-se que a vida se inicia desde a fecundação, logo, um embrião já é um ser vivo pleno, dotado de toda a genética necessária para seu desenvolvimento. Este embrião, que não é nada diferente de um ser vivo, apenas precisa do ventre de sua mãe para que cresça até o seu nascimento.

Logo, todo mecanismo que impede a implantação do embrião na parede uterina (nidação) é um mecanismo abortivo, pois, ceifa uma vida já concebida. Tal tragédia tem sido denominada como aborto oculto não só porque é amplamente desconhecida pela maioria das mulheres que utilizam esses métodos, mas, também, porque o seu mecanismo de origem é, por vezes, omitido.

Na mesma perspectiva atuam às pílulas anticoncepcionais. Há uma massiva propaganda de que esse medicamento promove a independência e liberdade da mulher através da sua ação hormonal para impedimento da fecundação. Contudo, o que não é falado, mas pode ser verificado, é que estas mesmas pílulas possuem uma ação combinada que: i) provoca a inibição da ovulação; ii) afina o muco cervical; iii) causa alteração no endométrio, qual seja, o tecido que reveste o útero interiormente, afetando as chances de implantação do embrião.

Essa ação potencialmente abortiva – impedimento da nidação (implantação do embrião na parede do útero) – ocorrerá toda vez que os mecanismos i e ii falharem. Assim, toda a situação fica ainda mais temerária quando se constata que as pílulas contraceptivas atuais, devido à menor dosagem hormonal, aumentam a probabilidade de fecundação, e, portanto, são extremamente propensas a ter falhas nos mecanismo de contracepção – acionando o mecanismo abortivo.

O livro outrora mencionado nessa seção, “Abortos ocultos”, traz a seguinte informação (baseada em estudos científicos referenciados no próprio livro):

“As formulações mais recentes de pílulas possuem uma quantidade menor de estrogênio sintético para diminuir os efeitos colaterais. [...] a diminuição na dose do estrógeno **umenta a probabilidade de ocorrer ovulação durante o uso da pílula.**” (DEROSA, DEROSA, GONÇALVES; 2020, p.92) (grifo meu)

Tal informação, do mecanismo de impedimento da nidação, não é encontrada na maioria das bulas de pílulas anticoncepcionais no país. O entendimento que se tem do efeito dessa supressão de informação, no medicamento comercializado no Brasil, atribui a causa à resistência da maioria da população brasileira ao tema do aborto. No entanto, a mesma informação é facilmente encontrada em bulas, do mesmo medicamento, em países como Estados Unidos e Canadá.

Vejamos o que diz a bula da pílula **Ciclo 21**, muita usada no Brasil:

“Ciclo 21 é um contraceptivo oral (previne a gravidez) combinado, que concilia os componentes etinilestradiol e levonorgestrel. Os anticoncepcionais orais combinados agem por inibição do hormônio que estimula o ovário. **Mudanças no muco cervical** (que aumenta a dificuldade de entrada do espermatozoide no útero) e no **endométrio (que reduz a probabilidade de adesão do óvulo fecundado na parede uterina).**”

O livro mencionado também traz a informação de que a indústria farmacêutica da Bayer, que comercializa as mesmas pílulas anticoncepcionais no Brasil, EUA e Canadá, omite da bula brasileira a informação do terceiro mecanismo, qual seja, a alteração na parede do endométrio (causa dos abortos ocultos). Em contrapartida, nas mesmas bula dos EUA e Canadá esta informação – da redução da probabilidade de implantação – está claramente expressa.

É perceptível a alarmante manipulação de informações, até mesmo pela própria Organização Mundial de Saúde (OMS) que classifica o aborto como a interrupção da gravidez e, por sua vez, declara que a gravidez somente ocorre com a implantação do embrião – ainda que a própria ciência determine que a vida começa desde a fecundação. E é com base nesse posicionamento da OMS que muitos defendem que as pílulas anticoncepcionais são métodos puramente contraceptivos, quando, em verdade, são potencialmente abortivos.

CONCLUSÃO

Assim, é de clareza solar que apesar das modificações causadas por movimentos sociais e pela ciência secular na concepção de fecundidade e a da necessidade de salvaguardar a existência dos filhos desde o início de sua vida no ventre, as Escrituras exortam os casais a se unirem em auxílio e correspondência de vida (Gn 2:18). Como consequência de dividirem a mesma carne (Mt 19:6), também dividem a responsabilidade de serem fecundos e multiplicar (Gn 9:6-7). Dessa forma, ao gerar descendência no matrimônio (Mt 2.15), o casal cumpre a participação no Plano Maior de Deus para o mundo.

REFERÊNCIAS

BAXTER, Richard. *A Christian Directory*. Grand Rapids: Soli Deo Gloria Publications, 1990.

BÍBLIA. Bíblia de Estudo de Genebra. Tradução de João Ferreira de Almeida, revista e atualizada. 2. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007.

CALVINO, João. Comentário à Sagrada Escritura: Exposição de 1Coríntios. São Paulo: Paracletos, 1996. p. 197

Confissão de fé de Westminster/ Assembléia de Westminster – 17. Ed, - São Paulo: Cultura Cristã, 2005.

DE BRÉS, Guido; URSINUS, Zacarias. Confissão Belga e Catecismo de Heidelberg – 2ª ed. – São Paulo: Cultura Cristã, 2005.

DEROSA, A., DEROSA, M., GONÇALVES, L. Abortos ocultos e mentalidade contraceptiva. Florianópolis, SC. ID Editora. 2020.

JOSAPHAT, Carlos. As Comunhões Anglicana e Católica Romana face aos Desafios Éticos da Sexualidade Moderna. Revista de Cultura Teológica - v. 16 - n. 62 - jan/mar 2008.

RYKEN, Leland. Santos no mundo: os puritanos como realmente eram. Editora Fiel, 2013, São José dos Campos, SP.

SANGER, Margaret. *Woman, Morality, and Birth Control*. New York: New York Publishing Company, 1922, p.12.

SANGER, Margaret. Eugenic value of birth control advertising. Birth Control Review, October 1921, p.5.

SANGER, Margaret. *The Pivot of Civilization*. [S.l.]: Project Gutenberg, 2005. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/ebooks/1689>. Acesso em: 9 abr. 2025.